

Estagiário em Psicologia: reflexão sobre a prática em estágio de extensão universitária

Daiane Camilo¹

Heidi Miriam Bertolucci Coelho²

Faculdade de Ciências e Letras da UNESP - Assis

“Brincar com crianças não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem.”

Carlos Drummond de Andrade

Introdução

Traz-se à reflexão a prática do estágio de extensão Usina de Sonhos com Realidade, realizado em uma comunidade de Assis, a Vila Prudenciana, que conta com a participação de alunos de diferentes Cursos de Graduação da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Assis..

Colocam-se questionamentos sobre a importância da prática de extensão universitária do aluno de graduação e como essa experiência possibilita um canal de comunicação com a teoria apresentada durante o curso, bem como reflexões acerca da prática profissional, contribuindo desse modo para uma formação sólida e ética pautada no compromisso social e em reflexões sobre a práxis. Para tanto, foi preciso ter a compreensão do contexto histórico-social do projeto e da comunidade, a discussão da prática pautadas no aprendizado do curso, as supervisões e as discussões do grupo.

Breve Histórico da Vila Prudenciana³ de Assis

Em relação à Vila Prudenciana, cabe relatar o histórico da comunidade, que possibilite uma compreensão mais ampla do projeto e suas práticas. A comunidade localiza-se em Assis-SP, existindo desde 1946, com o desenvolvimento da Vila Xavier e sua conexão com a Avenida Armando Sales de Oliveira. No entanto, o marco que

¹ Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

² Doutoranda em Psicologia pela Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

³ O histórico da Vila Prudenciana baseia-se na Dissertação de Mestrado de Luis de Castro Campos Júnior, intitulada “A agroindústria e o Espaço Urbano de Assis Vila Prudenciana”, realizada a partir dos relatos de antigos moradores.

impulsionou o desenvolvimento da vila foi a doação de um terreno, por Prudência Esméria de Melo, para a construção de uma capela para qualquer religião, em 1952, ocorrendo a construção da primeira capela, em 1953, da religião católica.

Com o desenvolvimento da agroindústria e queda da “indústria” ferroviária, na cidade, houve o aumento populacional para essa parte da cidade, dada a proximidade com a principal indústria de cana da região, gerando o aumento da vila, assim como a criação de novas vilas, como Maria Izabel, Jardim El Dorado e Três Porteirais; tal junção era conhecida como “Grande Prudenciana” (atualmente, “Complexo Prudenciana”) e “reduto de trabalhadores rurais”.

No início, o grande número de pessoas representou um problema para a cidade que, como um todo, possuía precários serviços básicos, como água e esgoto; e a Vila Prudenciana, mais afastada do centro, contava ainda menos com esses serviços, de maneira que, com o aumento da população, o problema atingia mais pessoas.

Com parte da infraestrutura básica alcançada, houve a chegada de novos contingentes populacionais (oriundos do êxodo rural), em busca de emprego na agroindústria e pequeno comércio emergente, em face das condições sociais dos novos habitantes sem emprego e, em um ambiente estranho, começou a ocorrência de crimes, acentuando-se um estigma da Vila Prudenciana que permanece ainda hoje: a imagem de uma “vila violenta”.

A Vila Prudenciana desenvolveu-se, no decorrer do tempo, sendo hoje o maior conglomerado de vilas da cidade, onde está grande parcela da população, mas ainda estigmatizada pela cidade como vila de pessoas “pobres” e de “bandidos”. Essas informações são pertinentes para um embasamento e compreensão global acerca das reflexões que realizaremos posteriormente.

O Projeto Usina de Sonhos com Realidade

O projeto foi criado em 2007 em um núcleo de estágio extracurricular coordenado pela psicóloga Heidi Miriam Bertolucci Coelho, do CPPA (Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada) da Faculdade de Ciências e Letras - UNESP Campus de Assis. Após uma “exposição” na Associação de Líderes Comunitários da Vila Prudenciana, solicitaram-lhe uma “intervenção” junto à comunidade, em relação a alguns problemas da vila.

Assim, criou-se um grupo de estagiários de diferentes cursos – Histórias, Letras e Psicologia – aberto a todo Campus, buscando estabelecer um canal de interação entre comunidade acadêmica e a população da Vila Prudenciana, objetivando desfazer uma pré-concepção enclausurante de subjetividades marcadas pela desigualdade social e cultural, instrumentalizar os cidadãos e ampliar seus conhecimentos em diversas áreas e criar possibilidades de se habitar novos lugares – sociais, econômicos, culturais e subjetivos.

Atualmente, o projeto prossegue com reuniões quinzenais aos sábados, abertas a todos, em que os estagiários vão à comunidade e promovem oficinas de contos infantis, trabalhos manuais (dobraduras, pintura, modelagem de massinhas e criação de brinquedos), práticas esportivas, jogos diversos, gincanas, teatro e fantoches para crianças e adolescentes.

As atividades foram adotadas após encontros com a comunidade, em que se observou nas crianças uma vontade de um espaço para brincar e com quem brincar. Devido ao caráter plural e incipiente do grupo, os conceitos, métodos e teorias utilizados para interagir com as crianças e discutir as experiências da prática estão sendo construídos paulatinamente, tomando por base a vivência dos diversos estagiários e a teoria produzida em diversas áreas da Psicologia pertinentes ao projeto, enfatizando o brincar.

O conceito de brincar

A manifestação das crianças participantes do projeto e o enfoque ao lúdico que o projeto assumiu obrigaram a pensar uma concepção de brincar e expressão lúdica. Apesar de não delimitada, subentende-se nos estagiários uma visão psicanalítica do brincar infantil. Tendo em vista o grupo heterogêneo, devemos considerar os alunos de diferentes cursos e anos que possuem distintas afinidades com teorias psicológicas, o que promove um caráter plural às discussões e trocas de experiências entre alunos calouros e veteranos.

Em relação ao conceito psicanalítico do brincar, podemos destacar, entre as diferentes faces e linhas psicanalíticas de entendimento do brincar, a concepção de que “(. . .) o brincar, como atividade terapêutica, possibilita que a criança supere a situação traumática. É simbolizando, falando e representando os conteúdos que a perturbaram que ela pode nomear e conhecer melhor as situações, idéias, pessoas e coisas” (MRECH, p. 162, 2002). Confere-se ao brincar, assim, um caráter *sui generis* em cada criança, adotando-se, pelos estagiários do projeto, uma ação de permitir o brincar espontâneo ao seu conteúdo, tempo e modo.

A posição inicial do estagiário

Com essa posição, houve diversas compreensões das manifestações lúdicas das crianças, no decorrer do projeto, sendo discutidas nas reuniões de grupos, supervisões e trabalhadas em artigos produzidos para eventos científicos.

Algo digno de nota foi a inibição que algumas das crianças manifestavam em brincadeiras com abertura mais criativa e espontânea, como a massinha, o fantoche e a construção de brinquedos. As crianças muitas vezes ficavam somente na construção da massinha e brinquedos ou em roteiros estereotipados com os fantoches. Evidentemente, tal manifestação traz consigo muito significados – que vão das questões socioculturais às questões das subjetividades individuais dessas crianças – o que dá um caráter extremamente íntimo e que necessitaria de um conhecimento mais aprofundado para cada infante, em dado momento.

Entretanto, o desafio é que o projeto prioriza uma ação coletiva, em que minuciosas reflexões individuais do brincar são relegadas a segundo plano, em função do brincar coletivo que elas vivenciam, nos encontros. Perante esse novo panorama em que a práxis traz outras situações a serem repensadas e discutidas, há que se reconsiderar a posição dos estagiários.

Reconsiderando a posição do estagiário

Diante das demandas apresentadas no projeto, é oportuno rediscutir a posição do estagiário perante os conteúdos e modos de brincar das crianças. Pensar o brincar em seu aspecto⁴ mais adequado: construção social e histórica, passados à criança de diversas formas e imbricado com distintas manifestações da cultura (Brougère, 2006). Considerando o brincar como uma construção social, abrem-se possibilidades de uma intervenção em uma perspectiva sociocultural, que permite ao estagiário assumir seu papel pró-ativo no brincar infantil, contribuindo para o desenvolvimento do mundo lúdico infantil.

Esse papel de “catalisador” do estagiário demonstrou resultados na brincadeira de fantoche, em que se conseguiu construir uma historinha diferente. A brincadeira contou com a participação ativa do estagiário como um brincante, auxiliando em uma melhor exploração da brincadeira e do potencial de criação das crianças. Como exposto, as crianças possuem o potencial e criatividade para suas criações próprias, todavia, estão acostumadas com certo “modo” de brincar imposto, logo, o papel do estagiário é dar margem para outras criações com/das crianças, explorando a potencialidade de invenção. A retomada da possibilidade de uma criação própria, de algo lúdico e divertido em que as crianças podem explorar suas diferentes capacidades de criar favoreceu uma expressão lúdica mais genuína e espontânea, o que se mostra bastante rico.

Essa posição de interação com a criança leva a um enriquecimento da relação do brincar adulto-criança para ambos. É de extrema importância a criança manifestar em suas brincadeiras e jogos seu mundo interno em construção e, por estar em construção, faculta a parceria com outros, adultos e crianças. O estagiário age não como um promotor da manifestação lúdica, mas um coadjuvante do brincar que pode perfeitamente ser um brincante com as crianças, respeitando a diferença entre adultos e crianças, e colaborando para outros contextos e formas de brincar.

Isso não significa que o adulto detém sobre a criança o poder de criar e imaginar; a criança o faz em suas possibilidades, mas o adulto, no caso o estagiário, pode assumir o papel de catalisador, daquele que, JUNTO à criança, ajudará construir o brincar pela via da criatividade ou simplesmente por outros caminhos. Essa nova posição do estagiário em diálogo com a experiência da extensão evidencia a importância da prática supervisionada do estudante (rica para o aluno e para a comunidade) e, a partir dessa práxis, a problematização da prática do psicólogo e a necessidade de constante reflexão.

Da importância do Brincar

É ainda pertinente considerar o papel social do projeto e a prática que os estagiários desempenham. Alguns autores que trabalham com a temática do infante chamam a atenção para a questão das modificações na ideia de infância, na sociedade contemporânea, relacionadas ao consumismo, ao “adulterecer” precoce, entre outros aspectos, dos quais se faz coerente destacar o processo de delimitação do lúdico espontâneo infantil.

⁴ Há diferentes concepções do brincar associado à manifestação da criatividade e do inconsciente (Psicanálise, Freud, Winnicott e Klein), à aprendizagem (Pedagogia, Fröbel e Hoffman), ao desenvolvimento (Piaget) e à manifestação sócio-histórica (Vygotsky) (Brougère, 1998).

Pode-se citar Neil Postman, com *O desaparecimento da infância* (1999), que traz reflexões a cerca da infância contemporânea, a qual passa muito tempo entre a escola e televisão de casa – exposta a conteúdos muitas vezes inadequados à idade, que trazem às crianças conteúdos e significados com que elas ainda não sabem lidar – e que cada vez mais se porta como adulta; nesse sentido, o autor enfatiza que os jogos, como a própria infância, estão tomando um caráter cada vez mais adulto, como a competição, o profissionalismo e a seriedade, sem um espaço e tempo para o brincar e o lúdico. Outro autor americano, David Elkind em *Sem Tempo Para Ser Criança: a Infância Estressada* (2004), discute a pressão que a sociedade faz sobre a criança para que apresente bons desempenhos na escola, esportes, artes, comportamento, forçando-as (e estressando-as) a crescer e tornar-se adulta – ou agir como – o mais rápido possível. Assim, “o brincar é o trabalho da criança” e deve apresentar algum resultado, uma vitória ou nota. Ainda sobre a temática do brincar subordinada, podemos também pensar na *pedagogização do brincar*, que há na educação da qual trata Sonia Kramer (2006). Da mesma forma como se frisou, anteriormente, a brincadeira espontânea da criança é tomada como algo secundário, submetido ao processo de aprendizagem formal, desconsiderando a capacidade da própria criança de aprender com seus próprios jogos e brincadeiras. Kramer defende uma educação que respeita a cultura e o direito de brincar da criança, no que constitui a singularidade da própria infância.

Diante disso, no projeto, adota-se o enfoque no *processo* de brincar, no jogo, não no resultado final, na competição ou objetivo: manifestações nesse sentido são aceitas, mas o papel de estagiário pró-ativo dá outras possibilidades, em especial o que diz respeito à importância do momento de brincar. É relevante ressaltar que o projeto não se vale do brincar como ferramenta, mas de sua peculiaridade, que permite o momento entre o grupo e a comunidade. Esse relato leva a pensar no papel de comprometimento social com a comunidade que o projeto possui, garantindo, em especial em relação às crianças, um espaço para trabalhar as relações humanas e o brincar, possibilitando experiências enriquecedoras e na direção da emancipação cultural.

Considerações Finais

Esta reflexão a respeito da prática do estágio extracurricular intitulada Usina de Sonhos com Realidade, discute o posicionamento do estagiário de Psicologia em face de sua atuação, da teoria e da capacidade de pensar e refletir sobre a sua práxis. Trata-se de um exemplo de como a prática auxilia no desenvolvimento do estudante e como, com a devida orientação, é possível uma formação sólida e ética de comprometimento social. Além disso, propicia compreender como é preciso estar atento ao outro, suas manifestações, suas falas e sentimentos, para saber rever posições e criar novas possibilidades de ações conjuntas. Auxilia também a pensar sobre as configurações contemporâneas da sociedade – mais enfocadas no brincar – e como o profissional da área psi deve estar atento às mesmas e não simplesmente promover ações adaptativas, gerando efetivamente uma atuação que trabalhe com outras possibilidades.

Ao fim, o brincar, a manifestação do lúdico, a atuação do estagiário de Psicologia ou do próprio papel de psicólogo são construções sociais feitas com interações de diferentes lados, que precisam de uma reflexão constante da vivência e, com sensibilidade, permitem interatuar, criar e recriar, conjuntamente, outras formas de relacionamentos e experiências.

Referências

- Brougère, G. (2006). *Brinquedo e cultura*. São Paulo: Cortez.
- Brougère, G. (1998). *Jogo e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Campos Júnior, L. C. (1992). Aspectos gerais de Assis e Vila Prudenciana. In L. C. Campos Júnior. *A agroindústria e o espaço urbano de Assis: Vila Prudenciana*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis.
- Elkind, D. (2004). *Sem tempo para ser criança: a infância estressada* (3a ed., M. F. Lopes, trad.). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Kramer, S. (2006). A infância e sua singularidade. In Brasil. Ministério da Educação. *Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de 6 anos de idade* (pp. 13-23). Brasília, DF.
- Mrech, L. M. (2002). Além do Sentido e do Significado: a concepção psicanalítica da criança e do brincar. In T. M. Kishimoto. (org.). *O Brincar e suas Teorias* (pp. 155-172). São Paulo: Pioneira / Thomson Learning.
- Postman, N. (1999). *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia.

Recebido: 17 de dezembro de 2009.

Aprovado: 15 de janeiro de 2010.